

Luciane Pereira da Silva Navarro
(Organizadora)



Bibliografia História da Mídia e da Imprensa

Atena
Editora
Ano 2019

Luciane Pereira da Silva Navarro

(Organizadora)

Bibliografia: História da Mídia e da Imprensa

**Atena Editora
2019**

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B582	Bibliografia [recurso eletrônico] : história da mídia e da imprensa / Organizadora Luciane Pereira da Silva Navarro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-605-8 DOI 10.22533/at.ed.058190309 1. Jornalismo – Bibliografia. I. Navarro, Luciane Pereira da Silva. CDD 016.0704495
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As páginas que você está prestes a ler vão conduzi-lo para além da mera constatação histórica sobre os caminhos percorridos pela imprensa nos últimos dois séculos. Os textos que compõem esta obra elástica vão levá-lo à compreensão singular de particularidades sobre o desenvolvimento da comunicação e do jornalismo sob as perspectivas política, cultural, social e histórica.

Ao percorrer os capítulos, especialmente no primeiro e último, você, leitor, encontrará textos que, habilmente construídos, suscitam a reflexão sobre as práticas comunicacionais em diferentes contextos políticos desde o Estado Novo, a Ditadura Militar até a crise recente enfrentada pelo Brasil e que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff. A amplitude temporal dos textos torna perceptível a evolução do papel dos meios de comunicação, tradicionais e alternativos, ao longo do tempo e através da evolução tecnológica. No capítulo final, em especial, a política é o pano de fundo de grande parte dos textos que, ao cabo, vão ajudá-lo a compreender tramas históricas que conduziram o jornalismo ao seu status atual, uma prática profissional em rápida e constante transformação.

As aproximações e afastamentos entre diferentes linguagens, formatos jornalísticos e práticas socioculturais estão organizadas no segundo capítulo: Mídia, Arte e Memória. Os artigos selecionados abordam desde quadrinhos, ilustração, documentarismo e street papers até jornalismo literário. Da trama tecida entre os títulos desta seção emana a compreensão do valor memorialístico do jornalismo, prática diária de registro da realidade e de escuta dos sujeitos, que contribui para a preservação da memória social.

Luciane Pereira da Silva Navarro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MÍDIA IMPRESSA, COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES E APROXIMAÇÕES	
<i>Giovana Montes Celinski</i> <i>Ivania Skura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903091	
CAPÍTULO 2	11
OS CEM ANOS DA IMPRENSA NO BRASIL: A COMEMORAÇÃO ATRAVÉS DA EXPOSIÇÃO E DOS CATÁLOGOS DO IHGB	
<i>Alvaro Daniel Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903092	
CAPÍTULO 3	23
A HISTÓRIA DA TV BRASIL ENCONTRANDO A SAÚDE: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Vitor Pereira de Almeida</i> <i>Iluska Maria da Silva Coutinho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903093	
CAPÍTULO 4	37
ASPECTOS DA HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO	
<i>Thalita Raphaela Neves de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903094	
CAPÍTULO 5	50
RADIOJORNALISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO CURRICULAR	
<i>Lourival da Cruz Galvão Júnior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903095	
CAPÍTULO 6	62
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: DAS TIC AOS DISPOSITIVOS MÓVEIS	
<i>Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini</i> <i>José Serafim Bertoloto</i> <i>André Galvan da Silveira</i> <i>Ed Wilson Rodrigues Silva Júnior</i> <i>Lucinete Ornagui De Oliveira Nakamura</i> <i>Paula Viviana Queiroz Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903096	
CAPÍTULO 7	74
O SURGIMENTO DA IMPRENSA EM MATO GROSSO E EM MATO GROSSO DO SUL	
<i>Danusa Santana Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903097	

CAPÍTULO 8	85
DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS A PARTIR DE JORNAIS ESTADUNIDENSES DO SÉCULO XIX	
<i>Juliana de Kássia de Oliveira Angelim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903098	
CAPÍTULO 9	97
DA ILUSTRAÇÃO À TELA DA TV: A EVOLUÇÃO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NAS REVISTAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0581903099	
CAPÍTULO 10	114
CONTRIBUIÇÕES DO JORNALISMO LITERÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DE PÓS-MEMÓRIAS NA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA ÁFRICA DO SÉCULO XX	
<i>Flávia Arruda Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030910	
CAPÍTULO 11	123
O DOCUMENTÁRIO XICO STOCKINGER COMO LUGAR DE MEMÓRIA	
<i>Alini Hammerschmitt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030911	
CAPÍTULO 12	132
JORNALISMO NA ERA DOS TESTEMUNHOS: UMA CHANCE DE APRENDER COM O CINEMA	
<i>Cristine Gerck Pinto Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030912	
CAPÍTULO 13	145
OS <i>STREET PAPERS</i> COMO INSTRUMENTOS DE RESGATE DO CIDADÃO EM VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DA REVISTA OCAS”	
<i>Franklin Larrubia Valverde</i>	
<i>Marília Gomes Ghizzi Godoy</i>	
<i>Rosemari Fagá Viégas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030913	
CAPÍTULO 14	156
CRIAÇÃO DA PRIMEIRA TV EDUCATIVA DO BRASIL - A IMPLANTAÇÃO DA TV UNIVERSITÁRIA, CANAL 11: EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E AS RELAÇÕES DE PODER	
<i>Maria Clara de Azevêdo Angeiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030914	

CAPÍTULO 15	169
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PODER E REBELDIA NO JORNALISMO IMPRESSO NO COMEÇO DO SÉCULO XX – LITERATURA E ANARQUISMO EM PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	
<i>Manuel Marquez Viscaíno Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030915	
CAPÍTULO 16	183
CORRESPONDENTES BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA E A SAÍDA PARA TRÊS TIPOS DE CENSURA	
<i>Rosamary Esquenazi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030916	
CAPÍTULO 17	192
IMPrensa ALTERNATIVA E NEOPENTECOSTALISMO: ESTRATÉGIAS PARA UM MOMENTO DE CRISE POLÍTICA	
<i>Matheus Lobo Pismel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030917	
CAPÍTULO 18	202
PORTFÓLIO DE ORLANDO BRITO: O FIM DA ERA DILMA NA REVISTA PIAUÍ	
<i>André Melo Mendes</i> <i>Mírian Sousa Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.05819030918	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS A PARTIR DE JORNAIS ESTADUNIDENSES DO SÉCULO XIX

Juliana de Kássia de Oliveira Angelim

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém – PA

RESUMO: A narrativa formada pela interação entre imagens e palavras caracteriza, de maneira geral, o que se considera como a nona arte e um dos principais meios de comunicação da atualidade: as histórias em quadrinhos. Ao sondar as origens destas, depara-se com jornais estadunidenses do século XIX, visto que a introdução de tiras em quadrinhos nos suplementos dominicais e nas páginas diárias desses periódicos impulsionaram o desenvolvimento e a difusão das histórias em quadrinhos não só nos Estados Unidos como em países afora, dentre eles o Brasil. Assim, com o presente trabalho, propõe-se apresentar uma breve trajetória dessa forma de arte e meio de comunicação nos dois países, tendo os jornais como ponto de partida e atentando para os períodos em ascendência e em decadência ao longo do caminho.

PALAVRAS-CHAVE: Jornais; Histórias em quadrinhos; Meio de comunicação.

DEVELOPMENT AND DISSEMINATION OF COMICS FROM NINETEENTH CENTURY AMERICAN NEWSPAPERS

ABSTRACT: The narrative formed by the interaction between images and words characterizes, in a general way, what is considered as the ninth art and one of the principal mass media of the present time: comics. By tracing its origins, it is possible to encounter nineteenth century American newspapers, since the introduction of comic strips in the Sunday supplements and daily pages of these periodicals propelled the development and the dissemination of the comics not only in the United States but around the world as well, including Brazil. Thus, with the present work, it is proposed to present a brief trajectory of this form of art and mass media in the two countries, having the newspapers as a starting point and paying attention to periods of ascendancy and decay along the way.

KEYWORDS: Newspapers; Comics; Mass media.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com Zilda Anselmo (1975, p.22), “são vários os critérios dos meios de comunicação de massa. Na literatura especializada, um dos critérios os divide em meios impressos (jornal, revista, livro e *quadrinhos*) e os meios não-impressos ou audiovisuais (cinema, rádio e televisão)”. Desse

modo, a narrativa formada pela interação entre imagens e palavras caracteriza, de maneira geral, um dos principais meios de comunicação da atualidade: as histórias em quadrinhos – ou simplesmente “quadrinhos” ou “HQs”. Estas, além de terem suas publicações próprias (com histórias que abordam da vida cotidiana à ficção científica, do humor ao terror, dentre outros gêneros/estilos), também estão presentes em jornais, revistas, anúncios publicitários e livros didáticos, por exemplo. Não é à toa que:

As histórias em quadrinhos se tornaram a tal ponto um componente central da cultura contemporânea, com uma bibliografia tão extensa, que seria trivial insistir no que todos sabemos de sua aliança inovadora, desde o final do século XIX, entre a cultura icônica e a literária. Participam da arte e do jornalismo, são a literatura mais lida, o ramo da indústria editorial que produz maiores lucros (CANCLINI, 2000, p.339).

O percurso das histórias em quadrinhos até se tornarem um componente central da cultura contemporânea é marcado por ascendências e decadências, e, embora não se possa precisar com exatidão e unanimidade qual a origem desse meio de comunicação, tradicionalmente as bibliografias sobre o tema tomam como ponto de partida o jornalismo, e, em especial, dois jornais estadunidenses do século XIX. Isso porque, ainda que a utilização de imagens para a construção de narrativas seja datada da pré-história, quando imagens eram gravadas em cavernas, as iniciativas de Joseph Pulitzer e de William Randolph Hearst – proprietários dos jornais *New York World* e *Morning Journal*, respectivamente – são tidas como o início do desenvolvimento e difusão das histórias em quadrinhos (ANSELMO, 1975, p.40, 45). E é com base nessa perspectiva que prossegue este texto.

2 | AS TIRAS DIÁRIAS E OS SUPLEMENTOS DOMINICAIS DE JORNAIS ESTADUNIDENSES

Joseph Pulitzer foi um imigrante húngaro que comprou o *New York World* em 1883 e que, dentre outros recursos, valeu-se de grandes manchetes, artigos sensacionalistas e ilustrações para ampliar o público leitor do seu jornal (ANSELMO, 1975, p.45). Uma das estratégias adotadas para atrair leitores foi a criação de um suplemento dominical, que, por priorizar a imagem ao texto, serviu ao propósito de cativar tanto aqueles que não sabiam ler quanto os imigrantes que não dominavam a língua inglesa.

Nesse contexto, notabiliza-se um ilustrador em especial, chamado Richard Outcault, cujos desenhos figuraram no suplemento dominical do *New York World* (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.9). Em 1895, Outcault criou *Down Hogan's Alley* (*O Beco de Hogan*, em tradução livre), série de desenhos onde apareceu pela primeira vez o personagem *Yellow Kid* (conhecido no Brasil por *Garoto* ou *Menino Amarelo*), que, devido à grande popularidade, um ano depois viria a se tornar o protagonista da que

muitos consideram como a primeira história em quadrinhos do mundo (LUCCHETTI, 2001, p.1-2).

O que faz de *Down Hogan's Alley* uma “série de desenhos”, enquanto que *The Yellow Kid* recebe o status de história em quadrinhos, é a inserção de um elemento essencial às HQs modernas: o balão de fala. Para Zilda Anselmo (1975, p.44), as histórias em quadrinhos possuem como elementos essenciais “a narração em sequências de imagens, continuidade dos personagens numa sequência a outra e o diálogo incluso na imagem”.

Cabe, entretanto, colocar que a utilização dos balões de fala por Outcault (inicialmente traduzida na aparição de falas apenas na camisola do garoto, e não dentro de balões) não equivale exatamente à primeira inclusão de texto na imagem. Ainda em meados do século XIX, o artista francês Rodolphe Topffer criou histórias que constavam de imagens separadas por um traço vertical, que demarcava os limites entre a imagem e uma legenda que a acompanhava (ANSELMO, 1975, p.43). Mas, apesar de a Europa ocupar uma posição precursora no que se refere às histórias em quadrinhos no Ocidente, o balão de fala propriamente dito só teria aparecido com o garoto amarelo de Outcault. Além do mais, as histórias em quadrinhos dos artistas europeus só começaram a ganhar maior visibilidade no exterior a partir do final da Segunda Guerra Mundial, período em que as HQs estadunidenses já tinham ganhado o mundo (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.11).

Após comprar o *Morning Journal* em 1895, William Hearst passou a disputar leitores com Pulitzer, valendo-se, também, da publicação de um suplemento dominical ilustrado para aumentar as vendas do jornal. Contratou o desenhista Rudolph Dirks, criador de *The Katzenjammer Kids* (*Os Sobrinhos do Capitão* ou *Hans e Fritz*, no Brasil), que retratava dois garotos malandros sempre revoltados contra o poder estabelecido (ANSELMO, 1975, p.46).

As tiras em quadrinhos serviram de tal forma ao propósito de ampliação do público leitor e das vendas dos dois jornais citados que passaram a ser publicadas nas modalidades *daily strips* (lançadas diariamente, em preto e branco) e *sunday pages* (aparecendo coloridas nos tradicionais suplementos dominicais). Além disso, visando organizar melhor uma distribuição das histórias em quadrinhos, tanto Pulitzer quanto Hearst criaram os chamados *Syndicates*, que enviavam a mesma HQ para vários jornais e conferiam aos seus criadores o ganho de uma porcentagem do lucro das vendas (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.9).

As iniciativas dos proprietários do *New York World* e do *Morning Journal* não só atraíram leitores e compradores para os jornais como também artistas para a produção de histórias em quadrinhos, o que, somando às inovações técnicas da imprensa – com a utilização de máquinas como linótipos, rotativas e estereotípias em zinco, que tornaram o produto mais barato e acessível –, fez do final do século XIX e do início do XX uma época promissora para o desenvolvimento das HQs (ANSELMO, 1975, p.47).

Os artistas criaram tiras de garotos, animais e família, para citar alguns temas, e, até a década de 20, todas elas possuíam a finalidade de provocar o riso no público leitor. Tal cenário modifica-se a partir de 1929, quando o gênero humorístico passa a dividir espaço com tiras de aventura, ficção científica, detetives e muitas outras: trata-se do início da chamada era de ouro dos quadrinhos, que perduraria até o ano de 1938. Personagens como *Dick Tracy* (de Chester Gould), *Flash Gordon* (de Alex Raymond), *Mandrake, o Mágico* (de Lee Falk/Phil Davis) e *Phanton*, conhecido no Brasil como *O Fantasma* (de Lee Falk/Ray Moore), datam dessa época (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.9-10).

Ademais, foi na década de 30 que, dado o sucesso das HQs nos jornais, também começaram a ganhar popularidade as revistas próprias de quadrinhos, denominadas de *comic books*, nos Estados Unidos (no Brasil, estas ficaram conhecidas pelo nome de *gibis*). Inicialmente, o conteúdo dessas publicações era composto apenas de material compilado das principais histórias em quadrinhos publicadas nos jornais, até que, com o tempo e a ampliação do número de leitores, as editoras passaram a investir em material exclusivo. No fim da década, em 1938, surgiu o primeiro super-herói da história dos quadrinhos, o *Super-Homem*. Adicionando o seu sucesso imediato à criação do *Batman*, um ano depois, estava dada a largada para o aparecimento de centenas de super-heróis e para a disseminação de suas histórias pelo mundo (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.10).

Certamente, as histórias em quadrinhos estadunidenses finalizaram a década de 30 em pleno desenvolvimento, exportando suas grandes séries para vários países. Mas, com o início da década de 40, tanto o curso da história mundial como a função social dos quadrinhos foram diretamente afetados pela Segunda Guerra Mundial. Uma das primeiras consequências da influência da guerra foi a proibição das HQs advindas dos Estados Unidos em países como Itália, França, Alemanha e União Soviética. Além disso, as HQs se tornaram instrumentos de propaganda da guerra, de forma que os artistas, em colaboração com o governo estadunidense, fizeram com que seus personagens entrassem em luta contra os japoneses, desfizessem intrigas inimigas, derrotassem espiões e sabotadores, enfim, tomassem parte ativa no conflito mundial (ANSELMO, 1975, p.56).

Marcada por proibições de veiculação e restrições no conteúdo abordado pelas HQs, conclui-se que a década de 40, no geral, caracteriza-se por uma lenta evolução das histórias em quadrinhos – para não falar em decadência. A década seguinte, ainda que não mais inserida no contexto da guerra, manteve, em parte, tal situação de declínio das HQs, visto que se acentuou nessa época o ataque aos quadrinhos por parte de profissionais como psiquiatras, educadores e psicólogos:

A HQ foi acusada de representar para os jovens uma perda de tempo e de atenção, de desenvolver a preguiça mental, de não ter nenhuma sutileza, de tornar as coisas demasiadamente fáceis, de falta de estilo e de moral, de humorismo imbecil ou de reduzir as maravilhas da linguagem a grosseiros monossílabos. Com o aumento da

delinquência juvenil após a Segunda Grande Guerra, esses ataques se tornaram mais violentos e as acusações de psicólogos e pedagogos culminaram com a publicação da obra do psiquiatra [Fredric] Wertham (1954), *The Seduction of the Innocent* (A Sedução dos Inocentes) (ANSELMO, 1975, p.58).

Ainda que os argumentos de Wertham tenham sido refutados posteriormente e apontados como exagerados e generalizadores, as HQs não conseguiram escapar da censura dos *syndicates* estadunidenses. Outro motivo de preocupação era a concorrência advinda da televisão, de forma que, na década de 50, chegou-se até a prever o desaparecimento das histórias em quadrinhos. Tal prognóstico revelou-se totalmente equivocado devido, dentre outros fatores, ao revigoração das tiras diárias dos jornais a partir do início da publicação de HQs de caráter intelectual, a exemplo de *Peanuts* (conhecido no Brasil como *Minduim*), de Charles Schulz. Em 1950, também começa a ganhar destaque publicações de terror, com histórias de vampiros e monstros diversos. Histórias de outros gêneros/estilos não deixaram de ser publicadas e, num balanço geral, o pós-guerra inicia um período de criatividade e de renovação para as histórias em quadrinhos (ANSELMO, 1975, p.59-60).

Mesmo a censura, que teria perdurado até a década de 80, provocou reações que revelaram uma criatividade implícita ou ainda desconhecida. Na metade da década de 60, teve início a publicação dos chamados *underground comics*, histórias livres, irreverentes, contestadoras e até mesmo pornográficas, de artistas não filiados aos *syndicates* ou às editoras de *comic books* (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.11). Assim, as histórias em quadrinhos – que inicialmente fizeram sucesso por abordar de forma cômica temas relacionados à vida cotidiana, objetivando o maior número possível de leitores – estavam, algumas décadas depois de sua época de ouro, visando um público mais restrito, adulto, com histórias de caráter intelectual, crítico e, por que não, erótico.

É importante colocar que, a partir da década de 60, veio à tona um grande momento de avanço para a Europa em se tratando de quadrinhos. Tanto histórias exclusivas para o público adulto quanto personagens a exemplo de *Asterix*, de René Goscinny/Albert Uderzo, aceito pelos mais variados públicos, foram sinônimo de sucesso para as HQs europeias; sucesso não necessariamente refletido em exportações e lucros gigantescos, mas observado pelo próprio desenvolvimento das histórias em quadrinhos (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.11).

Diferentemente das tiras em jornais ou dos *comic books* estadunidenses, as HQs europeias passaram a ser publicadas em séries, cujas narrativas completavam-se em 45 ou mais páginas e depois eram publicadas em álbuns. Esse formato continuou sendo adotado ao longo dos anos, enquanto nos Estados Unidos, mesmo com a publicação de quadrinhos em outros formatos (como em *comic books*), nada superou o sucesso das tiras cômicas, conclusivas em quatro ou menos quadrinhos, publicadas nos jornais. Entretanto, mesmo essas tiras nos jornais começaram a passar por um período de decadência, entre 1980 e 1990, o que implicou no aparecimento de

minisséries e *graphic novels*, para renovar o gosto pelas HQs: “Assim, decadente nos jornais, mas explodindo em revistas e nas livrarias, os quadrinhos sobreviveram, em transformação e revolução muito saudáveis” (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.12).

3 | OS SUPLEMENTOS DE JORNAIS BRASILEIROS

Apesar da posterior decadência das histórias em quadrinhos nos jornais dos Estados Unidos, reitera-se a importância das tiras publicadas no *New York World* e no *Morning Journal* para que as HQs se tornassem um dos principais meios de comunicação e um componente central da cultura contemporânea. O sucesso do *Garoto Amarelo* de Outcault e d’*Os Sobrinhos do Capitão* de Dirks abriu caminho para que cada vez mais desenhistas se dedicassem aos quadrinhos, estimulados por um público leitor também crescente. Difundidas para além das fronteiras nacionais, as HQs estadunidenses despontaram como um marco para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos em vários países, dentre eles o Brasil. E os jornais também desempenharam um papel fundamental para a consolidação das HQs neste país, como será visto a partir de agora.

De acordo com Álvaro de Moya & Moacyr Cirne (2002, p.122), já no século XIX, houve trabalhos pioneiros em quadrinhos no Brasil, e todos de autoria do caricaturista italiano Angelo Agostini. São eles: *As cobranças*, obra precursora do modo narrativo das histórias em quadrinhos, publicada em 1867; *As aventuras de Nhô-Quim*, datada de 1869, e *As aventuras de Zé Caipora*, cuja primeira publicação ocorreu em 1883. Mas, dada a importância e o sucesso adquiridos pela primeira revista em quadrinhos publicada no país, autores como Zilda Anselmo (1975, p.67) e Stela Lachtermacher e Edison Miguel (in LUYTEN, 1985, p.41) iniciam a história dos quadrinhos no Brasil a partir de 1905, com a publicação de *O Tico-Tico*.

A revista, que circulou até 1962, insere-se numa nova fase da imprensa brasileira, em que o público leitor passa por segmentação e os conteúdos de jornais e revistas deixam de ser voltados exclusivamente para os adultos e começam a visar, também, as crianças. Combinando entretenimento e educação, *O Tico-Tico* trazia histórias em quadrinhos, versos, contos, enigmas e adivinhações, bem como conhecimentos e aprendizados sobre ciências, matemática, geografia, artes e educação moral e cívica, para citar uma parte dos conteúdos que compunham suas páginas (MERLO, 2004, p.4-5).

As HQs publicadas na revista eram, em sua maioria, reproduções de tiras dos jornais estadunidenses, tendo como exemplo de maior sucesso o título *Buster Brown*, de Outcault – que, apresentado aos pequenos leitores como *Chiquinho*, continuou a figurar n’*O Tico-Tico* mesmo depois do seu término nos Estados Unidos, ficando ao encargo de artistas nacionais a produção de novas histórias (MOYA, 1977, p.202). Entretanto, vale destacar que a ênfase em histórias e personagens estrangeiros não implica na inexistência de títulos nacionais: de acordo com Zilda Anselmo (1975, p.67),

apesar da maioria dos desenhistas brasileiros adaptarem personagens vindos de fora, muitos deles também criavam personagens nacionais para a revista, a exemplo de Oswaldo Storni, criador de *Zé Macaco e Faustina*, e de Luís Sá, que lançou *Reco-Reco, Bolão e Azeitona*.

Dito isso, é chegada a hora de falar dos jornais. A criação de suplementos que dedicavam espaço aos quadrinhos como estratégia para a ampliação de leitores e de exemplares vendidos não se restringiu ao território estadunidense, sendo também vislumbrada em jornais do Brasil. A tendência foi inaugurada em 1929, pelo jornal *Gazeta de São Paulo*, com a publicação da *Gazetinha* ou *Gazeta Infantil*, que, mesmo sendo interrompida em diversos períodos, não deixou de fazer sucesso (MOYA, 1977, p.207).

Em seu primeiro número, a *Gazetinha* apresentou na página central uma aventura do *Gato Félix*, de Pat Sullivan, além de trazer para o público brasileiro histórias d'*O Fantasma*, de Lee Falk, e de *Little Nemo in Slumberland* (aqui traduzida como *O Sonho de Carlinhos*), de Windsor Macay, por exemplo (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1985, p.43). Quanto aos personagens nacionais, destaca-se a apresentação do radialista Nhô Totico, do ator Procópio Ferreira e do artista de circo Piolim como personagens de HQ, por parte dos desenhistas Messias de Melo e Nino Borges. Em 1949, o suplemento passou a ser chamado de *Gazeta Juvenil* (ANSELMO, 1975, p.67-68).

Para Álvaro de Moya (1977, p.202), o grande acontecimento das histórias em quadrinhos no Brasil ocorreu no dia 14 de março de 1934, quando Adolfo Aizen lançou o *Suplemento Juvenil*, apêndice semanal do jornal carioca *A Nação*. Depois de 15 edições, o enorme sucesso adquirido pela publicação culminou no seu desligamento do jornal e consequente independência econômica, ao passar a ser editado separadamente. Como prova de tamanho sucesso, nenhuma outra publicação do gênero superou o recorde de vendas do *Suplemento Juvenil* – 360 mil exemplares nas três edições lançadas semanalmente. *Mandrake*, *Dick Tracy* (de Chester Gould) e *Bill, o agente secreto X-9* (de Dashiell Hammett e Alex Raymond), além de histórias nacionais, a exemplo de *Roberto Sorocaba*, de autoria de Monteiro Filho, foram alguns dos títulos que figuraram em suas páginas.

Em 1937, o *Suplemento Juvenil* lançou outra revista, *Mirim*, também em três edições por semana. Enquanto o *Suplemento* tinha tamanho tabloide e era publicado às terças, quintas e sábados, *Mirim* tinha tamanho meio-tablóide, e era disponibilizado para venda às quartas, sextas e domingos. Numa tentativa de reproduzir o êxito alcançado por ambas, surgiram duas publicações, apêndices do jornal *O Globo*, de Roberto Marinho: *O Globo Juvenil*, imitação do *Suplemento*; e *Gibi*, seguindo os passos de *Mirim* (MOYA, 1977, p.205).

Mas, independente disso, é inegável a contribuição de *Gibi* para a história dos quadrinhos no Brasil, uma vez que o título da revista passou a ser sinônimo de revistas em quadrinhos em geral. Histórias em quadrinhos de *Li'l Abner* (aqui conhecida como

Ferdinando, de Al Capp) e *Alley Oop* (*Brucutu*, de V. T. Hamlin) foram lançadas por *Gibi*, que posteriormente passou a se chamar *Gibi Mensal*, com histórias completas, no estilo dos *comic books* – publicando as histórias dos heróis *Capitão Marvel*, *Príncipe Submarino* e *Tocha Humana*, por exemplo (MOYA, 1977, p.205).

Ainda em 1937, a *Gazetinha* publicou *A Garra Cinzenta*, autêntica história de terror brasileira, escrita pelo jornalista Francisco Armond e desenhada por Renato Silva. O sucesso foi tamanho que a HQ chegou a ser publicada no México, na Bélgica e na França (ANSELMO, 1975, p.68). E esse foi só o prelúdio de um gênero que viria a ser bastante apreciado no cenário dos quadrinhos no Brasil.

Seguindo a linha do *Suplemento Juvenil* e da *Gazetinha*, surgem várias publicações de quadrinhos a partir de 1938 no Brasil, entre as quais *Guri* (com aventuras interplanetárias), *Mirim Sextaferino* (que origina o *Mirim* mensal), o *Correio Universal* (que publica Connie no século XXX e o Fantasma), *Lobinho*, *Sesinho* (publicado pelo Sesi), *O Jornalzinho*, *Vida Infantil*, *Vida Juvenil*, *Biriba*, *O Terror Negro*, *Aliança Juvenil*, *Mão Negra*, *Era uma vez* (só com histórias nacionais de Rodolfo, Fábio Horta e Antônio Rocha), *Brotinho* (uma experiência de amadores que seu único número publica *Sam e Paulinho*, uma história que usa o futebol brasileiro como tema); *Capitão Atlas e o Vingador* (editada por Péricles do Amaral e desenhada por Márcio Moraes); *Jerônimo*, desenhada por Edmundo Rodrigues e editada pela Rio Gráfica; *O Herói*, primeira revista da Editora Brasil-América de Aizen, e, principalmente, em 1959, *O Pererê*, de Zivaldo (ANSELMO, 1975, p.68-69).

Com o fim da publicação do *Suplemento Juvenil*, em 1945, Adolfo Aizen iniciou a Editora Brasil-América (EBAL), no mesmo ano. *O Herói*, sua primeira revista, tornou-se também sua principal publicação. A partir de então, muitas outras editoras menores especializaram-se nos gêneros de terror, guerra e aventuras, ainda com predominância de histórias estrangeiras ou da influência delas nos desenhos de artistas brasileiros (MOYA, 1977, p.210; LACHTERMACHER; MIGUEL, 1985, p.43).

Em 1948, Aizen protagonizaria novamente um importante acontecimento das histórias em quadrinhos no Brasil: o lançamento da chamada *Edição Maravilhosa*, pela EBAL, que reuniu vários desenhistas brasileiros na tarefa de adaptar para HQs obras de escritores estrangeiros e nacionais. *O Guarani* (de José de Alencar), *Os Sertões* (de Euclides da Cunha) e *Memórias de um Sargento de Milícias* (de Manuel Antônio de Almeida) são exemplos de títulos da literatura brasileira que foram quadrinizados pela *Edição Maravilhosa* (ANSELMO, 1975, p.71).

Além da EBAL, surgiram várias editoras brasileiras que se encarregaram de suprir a demanda de histórias em quadrinhos no país, e, na década de 50, algumas delas – La Selva, Salvador Benvivegna e GEP – trabalharam principalmente com material nacional. Entretanto, uma vez que era bem mais barato importar HQs do que produzir aqui, os títulos publicados continuavam sendo majoritariamente estrangeiros. Grandes editoras, como a própria EBAL e a Abril, não hesitaram em trazer heróis estadunidenses para o mercado nacional de quadrinhos. Nesse contexto, nadando contra a corrente, emergiram alguns artistas que, destacando-se primeiramente nas tiras dos jornais, abriram a possibilidade de novas publicações mensais. Trata-se de

Henfil, Angeli, Glauco e Laerte, para citar alguns (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.13).

No ano de 1959, ao estreiar uma tira semanal no caderno de variedades da *Folha da Manhã* (atualmente, *Folha de São Paulo*), teve início a trajetória de um dos mais conhecidos desenhistas profissionais do Brasil: Maurício de Sousa. Depois de mais ou menos uma década de sucesso nas páginas dos jornais, os personagens da hoje denominada *Turma da Mônica* (vale destacar que a Mônica não foi a primeira criação de Maurício, aparecendo apenas posteriormente, num papel secundário, até cair nas graças do público e se tornar líder da turma) começaram a ganhar suas revistas próprias, pela editora Abril. E, da editora Abril para a Globo e desta para a Panini, as HQs de Maurício de Sousa permanecem até os dias atuais um indiscutível êxito de vendas nacionalmente, conquistando, também, leitores nos Estados Unidos, Itália e Japão, dentre vários outros países (GUSMAN, 2006, p.8, 36, 40; SOUSA, 2004, p.8).

Antecipando o que ocorreria nos Estados Unidos entre 1980 e 1990, as revistas de histórias em quadrinhos no Brasil passaram a se sobressair às publicações de HQs em jornais desde pelo menos o final da década de 60. A trajetória de Maurício de Sousa, iniciando carreira nas páginas dos jornais até suas HQs ganharem revistas próprias, é um reflexo disso. Ademais, de acordo com Álvaro de Moya (1977, p.211), em 1967, Aizen tentou repetir o já antigo sucesso do *Suplemento Juvenil* com o *Suplemento em Quadrinhos*, mas conseguiu levar o empreendimento apenas até a terceira edição. Isso porque, na época, o método estadunidense de publicação de tiras diárias e de suplementos dominicais já constava de baixa receptividade, ao passo que a compilação de histórias completas em *comic books* revelava-se mais vantajosa.

Mas, ainda que as tiras diárias e os suplementos dominicais deixem de ter a recepção obtida inicialmente, a demanda por publicações próprias denota tal emancipação e popularidade das histórias em quadrinhos, que, de outrora dependente dos jornais para circular, passam a dividir com eles o status de meio de comunicação. As HQs se fizeram cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, através do lançamento dos mais diversos títulos, voltados para os mais diversos públicos e gostos, ao redor do mundo. Por outro lado, o fato de não ser mais preciso recorrer aos jornais para acompanhar as aventuras de determinado personagem não significa que estes tenham cessado de publicar histórias em quadrinhos: uma vez que chamam atenção por sua visualidade inerente, os quadrinhos passam a ser rotineiramente utilizados por jornais, revistas, anúncios publicitários, livros didáticos e etc.

4 | SOBRE CRÍTICAS E DEFESAS ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Luis Gasca coloca no prefácio do *Shazam!* de Álvaro de Moya (1977, p.10) que “o comic popular, simples, barato, publicou-se e se publica, se consome portanto em grandes quantidades, influi na cultura, língua e costumes de seus inúmeros leitores,

modela seus gostos e suas inclinações”. Sendo assim, não é difícil conceber que as histórias em quadrinhos, não só um sucesso de consumo como também influentes de várias formas sobre os seus leitores, certamente despertam o interesse de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

Dentre esses profissionais, vale lembrar o psiquiatra Fredric Wertham. Ao lançar o livro *A sedução dos inocentes*, onde expõe a tese de que os quadrinhos exerceriam tão má influência sobre seus leitores que seriam “a fonte de todos os problemas americanos” (ANSELMO, 1975, p.59), ele ajudou a impulsionar um dos períodos de maior censura das histórias em quadrinhos. Entretanto, críticas às HQs não ocorreram apenas na década de 50. Ao longo do tempo, estas foram acusadas de: dispor o seu leitor para uma atitude de preguiça mental; retardar o processo de abstração (o que se refere a um desprendimento dos objetos concretos para as representações, simbólicas e abstratas, da linguagem); dificultar o hábito da leitura de livros, e, ainda, apresentar temas nocivos (incluindo valores de ordem moral, política ou social) estranhos à cultura do indivíduo. Inclusive, dentre as posições assumidas a respeito das HQs, há até mesmo aqueles que julgaram necessário suprimir legalmente toda e qualquer literatura em quadrinhos (MOYA, 1977, p.138-139).

Um dos maiores equívocos dessas críticas é a generalização. Em vez de tomar todas as publicações em quadrinhos como prejudiciais aos seus leitores, cabe considerar que, independente do gênero de obras em questão, existem produções de diversas qualidades. Como apontado no livro de Álvaro de Moya (1977, p.139), “ao lado de inúmeras obras de pouco valor literário ou moral, frequentemente nocivas, existe sempre boa parcela que se salva”. O que, obviamente, não implica que, em função da parcela nociva, deva-se extinguir todo um veículo de comunicação.

O argumento se completa quando Mauro Wolf (2008, p.37) fala que “a eficácia dos meios de comunicação de massa pode ser analisada apenas dentro do contexto social em que estes agem. Sua influência deriva mais das características do sistema social a eles circunstante do que do conteúdo que difundem”. Quer dizer, em vez de culpar como responsáveis pela personalidade e atitudes dos indivíduos os títulos violentos, eróticos e/ou de pouco valor literário ou moral das histórias em quadrinhos, é preciso analisar primeiramente os contextos social, familiar, político, e tantos outros em que estes indivíduos se encontram inseridos.

Superados alguns preconceitos, as HQs se apresentam como importante ferramenta educacional para as escolas. Introduzidas nos livros didáticos como recursos para aprendizagem, passaram a ser um instrumento de ensino tanto para adultos quanto, especialmente, para crianças, ao tratarem de assuntos ligados às diversas áreas do conhecimento (SILVA, 1985, p.55). Falando sobre o público infantil, as histórias em quadrinhos representam uma espécie de leitura dinâmica para a criança, que, não raro, aprende a ler com elas. Assim como a televisão, trata-se de uma forma rápida e sintética de apreender as coisas, além de exercitar a criatividade e a imaginação da criança quando bem utilizada (ANSELMO, 1975, p.33; LUYTEN,

1985, p.8).

E é justamente por associarem imagens e palavras que os quadrinhos são de grande importância para a compreensão dos leitores mirins:

A criança, entretanto, na indigência dos seus conhecimentos, revela-se pobre em sua estrutura de representações, fato do qual, sem dúvida, decorre a grande aridez que encontra no terreno da linguagem abstrata, desligada de sua experiência sensível, acarretando seu justificado desinteresse pela leitura [...]. As noções gerais e abstratas, que as palavras buscam sugerir, passam, por intermédio das ilustrações, a tornar-se mais concretas, texto e gravura se completam, como aspectos da mesma realidade significativa, evitando a formação de falsas e errôneas imagens, divorciadas do verdadeiro sentido das palavras (MOYA, 1977, p.142-143).

Sendo assim, antes de compreender a linguagem abstrata que dispensa a associação da palavra a uma imagem ou objeto concreto, é necessário que a criança conheça as palavras passíveis de representação imagética, responsáveis pelo desenvolvimento da imaginação e inteligência. Portanto, lidar com dois importantes dispositivos de comunicação não só torna singular o meio de comunicação conhecido como história em quadrinhos quanto faz dele um grandioso recurso educacional. Ainda que o percurso das HQs tenha sido pautado, também, por decadências e desconfiças, felizmente, nas palavras de Paul Gravett (2006, p.123), “há muito tempo se sabe que os quadrinhos são um veículo atraente e altamente eficaz para levar informação”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre bancas de revistas, livrarias, supermercados e escolas, são diversos os lugares em que é possível entrar em contato com as histórias em quadrinhos, decerto um dos principais meios de comunicação da atualidade. A narrativa formada pela interação entre imagens e palavras despertou a atenção de proprietários de jornais interessados em ampliar seu número de leitores e compradores, o que ocasionou o início da publicação de tiras em quadrinhos nos suplementos dominicais do *New York World* e do *Morning Journal*, a partir do final do século XIX. Declara-se aí o ponto de partida para as HQs invadirem as páginas de uma ampla gama de jornais, seja em suas edições diárias ou em suplementos, nos Estados Unidos e em países afora.

No Brasil, os jornais não tardariam a seguir a tendência, com o lançamento do primeiro suplemento em 1929. Nessa época, já se tem a emergência do chamado “jornal-empresa” no país, que, tido como negócio e não mais como espaço por excelência para se tratar de questões políticas, passa a exigir que seus donos atentem para a necessidade de jornais visualmente atraentes, capazes de atender às exigências do crescente público leitor (LUCA, p.1). O contexto, então, é mais do que propício para, assim como ocorreu nos Estados Unidos, vários jornais passarem

a se ocupar da publicação de histórias em quadrinhos, no Brasil.

Para concluir, a posterior decadência das tiras diárias e suplementos dos jornais (em razão da popularidade adquirida pelas revistas próprias de HQs) não implica na perda de importância desses periódicos para a consolidação das histórias em quadrinhos nos dois países retratados – e no mundo, tendo em vista a repercussão generalizada das iniciativas de Joseph Pulitzer e de William Randolph Hearst. O meio de comunicação conhecido como histórias em quadrinhos não “nasceu” como um componente central da cultura contemporânea, mas veio a sê-lo através de um percurso que dependeu grandemente dos jornais.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

GOIDA (GOIDANICH, Hiron Cardoso); KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GRAVETT, Paul. **Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.

GUSMAN, Sidney. **Maurício: Quadrinho a quadrinho**. São Paulo: Globo, 2006.

LACHTERMACHER, Stela & MIGUEL, Edison. **HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado**. In: LUYTEN, Sonia Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX**. Disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf>. Acesso em: 14 Ago. 2016.

LUCCHETTI, Marco Aurélio. **O menino amarelo: o nascimento das histórias em quadrinhos**. In: Revista Olhar, São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, ano 3, nº 5-6, 2011.

LUYTEN, Sonia M. Bibe – (Organizadora). **História em Quadrinhos: Leitura Crítica**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)**. 2003. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOYA, Álvaro de. **SHAZAM!**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SILVA, João Nelson. **HQ nos Livros Didáticos**. In: LUYTEN, Sonia Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SOUSA, Maurício de. **Maurício 30 anos**. São Paulo: Globo, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Luciane Pereira da Silva Navarro - é jornalista formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), com mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, também pela UEPG (2014). É especialista em Direção de Arte pelo Centro Universitário Curitiba, Unicuritiba (2005). Com 23 anos de experiência em assessoria de comunicação, foi sócia da agência A4 Comunicação por 13 anos (2001-2014). Desde 2007, leciona nos cursos superiores de jornalismo e publicidade. Foi coordenadora do Curso de Pós-graduação em Comunicação Empresarial no Cescage (2013-2017). Atuou como coordenadora de marketing das Faculdades Ponta Grossa - Cescage (2014-2017). Atualmente, é Coordenadora de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 41, 42, 85, 86, 99, 100, 103, 107, 109, 118, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 142, 143, 147, 152, 153, 161, 165, 204, 207, 213

C

Canal 11 156, 160, 163, 165, 167

Censura 45, 78, 83, 89, 94, 157, 183, 185, 186, 187, 188, 191

Cinema 44, 85, 102, 103, 108, 109, 112, 121, 123, 124, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 153, 165, 183

Comunicação 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 16, 20, 23, 24, 25, 26, 46, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 83, 85, 86, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 105, 108, 112, 114, 115, 118, 132, 142, 143, 146, 147, 149, 150, 151, 155, 156, 158, 165, 167, 169, 180, 183, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 208, 210

Correspondentes brasileiros 183

Crise política 192, 203

D

Dilma Rousseff 193, 196, 197, 203, 209, 211, 212, 213

Dispositivos móveis 62, 63, 66, 67, 68, 70

Documentário 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 138, 140, 142, 143, 167, 168

E

Educação 4, 9, 43, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 90, 147, 156, 157, 158, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 211

Evolução curricular 50

Expressão artística 97

H

História 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 39, 41, 43, 48, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 74, 75, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 110, 111, 112, 117, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 149, 151, 155, 156, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 181, 183, 186, 190, 193, 203, 204, 206, 208, 213

Histórias em quadrinhos 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Historiografia 9, 21, 98, 125, 126, 170, 180

I

Ilustração 138, 189

Imprensa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 90, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 111, 112, 113, 120, 132, 135, 136, 151, 170, 171, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 210

Imprensa alternativa 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201

Impresso 6, 20, 21, 37, 41, 45, 47, 49, 51, 56, 59, 79, 80, 100, 101, 103, 105, 110, 111, 169, 170, 172, 174, 176, 177, 199

J

Jornais 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 38, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 48, 57, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 109, 110, 134, 136, 146, 147, 171, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 184, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196

Jornalismo esportivo 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Jornalismo literário 114, 119, 121

L

Lugar de memória 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130

M

Mato Grosso 62, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 112

Mato Grosso do Sul 74, 75, 79, 80, 81, 83, 112

Memórias 13, 92, 114, 115, 117, 118, 122, 126, 140, 141, 142, 186, 191

N

Neopentecostalismo 192, 193, 197, 198, 201

O

Orlando Brito 202, 203, 205, 206, 208, 210, 211, 212

P

Pós-memórias 115, 117

R

Radiojornalismo 50, 51, 54, 55, 57, 59, 60

Relações de poder 156, 158, 170, 172, 174, 175, 181

Representação social 169, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 178

Revista Ocas 150, 155

Revista Piauí 205, 207, 208, 211, 212, 214

Revistas brasileiras 98, 106

S

Segunda Guerra Mundial 87, 88

Street papers 145, 146, 147, 148, 154, 155

T

Televisão 24, 25, 27, 35, 47, 55, 56, 57, 85, 89, 94, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 196, 198, 199

Testemunho 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 144

TV Educativa 156, 157, 158, 161, 163, 164, 166, 167, 168

TV Universitária 156, 158, 160, 161, 165

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-605-8

